



Gêneros Jornalísticos no jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande¹

Cristina Ramos da Silva RIBEIRO²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

Esta é uma proposta de estudo que visa identificar o perfil textual do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande por meio dos gêneros jornalísticos. A pesquisa vai utilizar a metodologia da análise de conteúdo a partir da taxonomia definida por José Marques de Melo que divide o jornalismo em cinco gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional. Servirão como amostras para a investigação as unidades de informação veiculadas nas edições publicadas de janeiro a agosto de 2010, pelos quatro jornais-laboratórios impressos da Capital de Mato Grosso do Sul. Explorar pela primeira vez o tema torna-se relevante para a discussão da formação profissional dos jornalistas e contribui ainda para o debate teórico em torno dos gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Jornalísticos; jornal-laboratório; formação; jornalismo

Jornalismo laboratorial impresso e a prática dos gêneros jornalísticos

É no jornal-laboratório que se aprimoram as competências empregadas para a realização do jornalismo, entre elas o domínio dos gêneros textuais em seu formato jornalístico. “Aprender a fazer jornalismo é aprender a produzir gêneros jornalísticos³”, afirma Seixas (2009, p.1). A autora acredita que o conhecimento mais profundo dos elementos que constituem os tipos frequentes de composições discursivas da atividade jornalística, pode implicar em um entendimento maior sobre a própria prática.

Esta oportunidade de experimentar a produção de texto evidencia a relevância da experiência laboratorial na boa formação do acadêmico de jornalismo, pois conforme Vieira (2002) o conceito de jornal-laboratório não se limita ao espaço físico que a Instituição Universitária oferece ao aluno e aos professores. O laboratório é importante

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos de Linguagens da UFMS, email: cristinaramos@globo.com

³ Seixas (2009, p. 1) explica que o termo “gênero” incorporado pela comunidade acadêmica, adquiriu um sentido clássico ao longo do tempo, por isso ela utiliza este mesmo termo ao longo de sua tese, para ser compreendida. No entanto, a autora defende um conceito mais aprofundado para o “gênero” e em momentos necessários utiliza “gênero discursivo jornalístico” para diferenciar de “gênero jornalístico” ou de “gênero” o termo comum. Em outros momentos usa “composições discursivas” para tratar de notícias, reportagens, editoriais e outros textos.



para o acadêmico porque o auxilia no conhecimento do jornal em vários sentidos, desde a pauta, até a apuração, as entrevistas, a pesquisa no banco de dados, a leitura complementar e a redação do texto. “O aluno vai canalizar seu conhecimento e buscar formas de aplicar e desenvolver sua criatividade na construção de um texto jornalístico apurado e refinado”. (VIEIRA, 2002, f.72).

Entendendo a relevância deste tipo de suporte na formação do jornalista, além da influência exercida por ele na comunidade discursiva receptora, o objeto de estudo da pesquisa a ser realizada é o jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande, formado por quatro jornais que chegam à população em periodicidades mensal e trimestral. Juntas, ao ano, as IES distribuem gratuitamente na Avenida Afonso Pena, região central da cidade, mais de 150 mil exemplares de jornal em formato laboratorial.

O Jornal-laboratório Projétil, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), foi o primeiro do Estado e está no seu 20º ano de publicação, com cinco mil exemplares distribuídos a cada edição. O segundo mais antigo jornal-laboratório é o Unifolha, da Anhanguera-Uniderp, que há 11 anos tem circulação ininterrupta em duas versões, uma em formato standard e outra em tablóide, também com distribuição de cinco mil exemplares a cada edição. Criado em setembro de 2002, o Jornal-laboratório Em Foco, da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), que já teve periodicidade semanal, hoje é mensal, com distribuição de três mil exemplares por edição e foi o primeiro jornal-laboratório do Estado a alcançar 100 edições em março de 2008, atualmente está na edição de número 132. O Jornal-laboratório Folha Guaicuru da Faculdade Estácio de Sá foi publicado pela primeira vez em 2001 e é o jornal-laboratório mais premiado do Estado, tendo sido laureado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM).

A cada semestre letivo, pelo menos 120 acadêmicos de jornalismo publicam textos nestes veículos de comunicação. Conforme exigência do Ministério da Educação (MEC), os cursos de jornalismo brasileiros devem publicar a cada ano, letivo pelo menos 8 edições de seus jornais-laboratórios impressos.

Apesar das quase duas décadas de circulação, o jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande não teve o seu perfil textual investigado pelos pesquisadores, tanto das ciências da linguagem quanto do campo do jornalismo, por isso esta pesquisa terá



caráter exploratório. Por utilizar a metodologia de análise de conteúdo, amplamente empregada nos vários ramos das ciências sociais, e tendo por base a classificação dos gêneros jornalísticos proposta por Marques de Melo, o estudo se enquadra dentro da área de concentração Linguística e Semiótica, sendo contemplado pela linha de pesquisa “Produção de sentido no texto/discurso” no Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos Linguagens da UFMS.

Há 20 anos, instituições universitárias de ensino formam jornalistas em Campo Grande. Explorar a forma como estes jornalistas se preparam para atuar no mercado de trabalho, especificamente no perfil⁴ dos textos que produzem de forma laboratorial, torna-se relevante nos aspectos de que os suportes jornal-laboratório impresso e jornal impresso comercial (nos quais estes acadêmicos atuarão no futuro) são impactantes na sociedade. Bonini (2006) afirma que os estudos dos gêneros jornalísticos⁵ (bem como dos demais gêneros que compõem o conjunto mais amplo das manifestações da comunicação de massa) apresentam uma grande relevância social. As pesquisas desse tipo trazem subsídios para a formação e atuação profissional de jornalistas e professores de línguas, além de contribuir na educação e formação do cidadão crítico e habilidoso no manejo de tais manifestações, já que toda a sociedade é afetada por elas. Bonini (2006) questiona e ele mesmo responde:

Por que estudar os gêneros do jornal? A resposta a esta questão envolve as razões gerais para as pesquisas que venho desenvolvendo, sendo esta de três ordens. Primeiramente, tomo como horizonte o debate teórico em torno dos gêneros textuais e objetivo contribuir para esse debate (ou seja, produzir contribuições teóricas). Em segundo lugar, procuro contribuir para o entendimento de como o jornal se configura como um mecanismo social e de linguagem. Em terceiro finalmente, busco com essas pesquisas, fornecer subsídios ao ensino de linguagem. (BONINI, 2006, p.67)

É evidente a importância de estudar os gêneros no jornal impresso e mais especificamente os gêneros jornalísticos deste suporte, no caso desta pesquisa o jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande. Os jornais-laboratórios surgiram no formato de agências experimentais após a instituição do decreto 83.284/79 que proibia o estágio profissional para os graduandos em jornalismo. Sem poder praticar o texto ainda

⁴ Entender perfil como a descrição das características do texto publicado pelos estudantes de jornalismo no jornalismo laboratorial impresso.

⁵ Bonini usa o termo “gêneros jornalísticos” no plural para indicar o local social de origens desses gêneros, o das atividades relativas ao fazer jornalístico. Quanto ao termo “gêneros do jornal” para indicar que se tratam apenas dos textos relativos ao jornal impresso.



como estudantes no mercado de trabalho, é no jornalismo laboratorial que os mesmos exercitam todo o processo de produção da informação. Mas antes disso, ainda na sala de aula, os aprendizes de jornalismo têm seu primeiro contato com a noção de gênero jornalístico.

Na estrutura curricular dos cursos em Campo Grande são ofertadas disciplinas diretamente ligadas à produção do jornal-laboratório, cujos professores são responsáveis por orientar e prestar auxílio pedagógico no fazer jornalístico desenvolvido. As disciplinas em questão são: Redação Jornalística (UFMS e UCDB), Edição (UFMS), Laboratório de Jornalismo Impresso (Faculdade Estácio de Sá) e Técnicas de reportagem e Entrevista Jornalística (Anhanguera-Uniderp).

O gênero jornalístico, segundo Costa (2010) possui uma parte estável (os parâmetros) que aponta ao agente em interação social (da produção e da recepção) os propósitos comunicativos e os formatos textuais por eles suscitados. O autor, baseado em Bakhtin (1997), em Marques de Melo (2003) e em Bonini (2002; 2002b; 2003b; 2006) identifica gênero jornalístico como:

[...] um conjunto de parâmetros textuais selecionados em função de uma situação de interação e de expectativa dos agentes do fazer jornalístico, estruturado por um ou mais propósitos comunicativos que resulta em unidades textuais autônomas, relativamente estáveis, identificáveis no todo do processo social de transmissão de informações por meio de uma mídia/ suporte. (COSTA, 2010, p. 47)

Percebe-se, na definição acima, que os critérios fundamentais de análise do gênero jornalístico são função e aspectos formais, o que significa que a noção de gênero jornalístico está permeada pelo mesmo paradigma que reina na comunicação: o funcionalismo.

Seixas (2009, p. 45) explica que “hoje, nos campos da comunicação e linguística há um consenso quanto à importância do funcionamento da linguagem, da situação de troca enunciativa e suas condições de realização para o conhecimento da noção de gênero”. A autora esclarece ainda que embora Bakhtin seja a principal referência para a linguística, analistas do discurso e a área de estudos culturais, no Brasil o mais importante para os pesquisadores de jornalismo não tem sido a perspectiva pragmática, mas sim a finalidade das composições discursivas da produção jornalística. “No campo do



jornalismo, os estudos existentes sobre os gêneros são preponderantemente classificatórios”, afirma Seixas (2009, p.46) que complementa:

O Brasil, seguindo o rastro do jornalismo norte-americano, preocupado em delimitar o espaço da informação e da opinião foi influenciado pelas análises espanholas, as quais dividiram os gêneros pelos principais critérios de função e forma. (SEIXAS, 2009, p. 46)

Costa (2009) afirma que, no Brasil, os gêneros jornalísticos têm merecido estudos e pesquisas acadêmicas desde a década de 1960, a partir da trilogia *A Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980) publicadas por Luiz Beltrão e seu seguidor, José Marques de Melo, notadamente com o livro *Jornalismo Opinativo*, derivado da tese de livre docência do autor em 1985. A classificação realizada por José Marques de Melo é, segundo Seixas (2009, p. 56), “a grande referência bibliográfica brasileira”. Segundo ela, o autor não só é citado por todos os pesquisadores, como a sua divisão de gêneros jornalísticos “é seguida”. A razão destes profissionais do jornalismo e pesquisadores utilizarem as expressões que nomeiam os gêneros acontece, segundo Costa (2010 p. 43), “por sua legitimação tanto na academia quanto nas redações”. O autor completa a afirmação:

Também por considerarmos como instrumentos pedagógicos válidos para o ensino e aprendizagem do fazer jornalístico. No plano acadêmico facilita a professores e alunos a divisão nesses gêneros – ainda que sugira uma visão estanque e fragmentada do discurso jornalístico-, de modo a racionalizar o tempo, contado em semestres na graduação, para o ensino separado dos formatos, características e técnicas de redação para cada um. (COSTA, 2010, p. 43)

Considerando esta realidade, torna-se pertinente para analisar o conteúdo textual do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande a utilização da taxonomia proposta por Marques de Melo (2010). O autor fez uma revisão da classificação contida em sua tese de livre docência e adotou o esquema que corresponde funcionalmente às peculiaridades do jornalismo nos anos 2000. Marques de Melo (2010) afirma ter identificado cinco gêneros consagrados pela cultura brasileira: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. As variantes estilísticas passaram a ser agrupadas em formatos que incorporam a terminologia usual nos estudos midiáticos. Os gêneros estão ainda subdivididos em tipos, espécies discursivas que exibem singularidades geoculturais ou traços corporativos.



O estudo proposto aqui deve contribuir ainda, em especial, às discussões sobre a formação do profissional de jornalismo. Conforme Marques de Melo (2010, p. 23) “a literatura sobre o fenômeno jornalístico tem incorporado obras que trazem inquietação, desalento e incerteza sobre o futuro da profissão”. Segundo o autor ainda existe uma confusão entre a objetividade e subjetividade no produto jornalístico:

Por esta e outras lacunas é que os jovens diplomados encontram resistências para ingresso no mercado de trabalho, desconhecedores que são, em grande maioria, das especificidades do relato jornalístico e de sua aderência a um sistema que os diferencia por gêneros, formatos e tipos, determinados pelos antigos e novíssimos suportes. (MARQUES DE MELO, 2010, p. 23)

Irene Machado (2001 citada por MARQUES DE MELO 2010), afirma que “os meios se diversificaram e tornaram-se complexos; os modos de organização das mensagens se transformaram e, conseqüentemente, novos formatos surgiram”. Por isso, torna-se importante a retomada dos gêneros jornalísticos, sua pesquisa e sua aprendizagem atendem a uma “necessidade específica: explicitar os modos pelos quais as mensagens se organizam em meio à profusão de códigos, de linguagens e conseqüentemente de mídias”.

Objetivos e metodologia

O objetivo geral da pesquisa é identificar o perfil textual do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande por meio dos gêneros jornalísticos. Existe ainda a meta de verificar no processo de produção do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande como se definem os gêneros jornalísticos publicados. Indicar a percepção de professores e acadêmicos dos Cursos de Jornalismo pesquisados sobre a relevância do exercício do jornalismo laboratorial impresso para a formação do profissional jornalista também é um dos objetivos específicos.

Para alcançar os objetivos a metodologia que será aplicada na pesquisa é a análise de conteúdo, que segundo Herscovitz (2008) serve para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos. Esta análise vai englobar referencial teórico das Ciências da Comunicação e Linguagem, a partir da classificação de gêneros jornalísticos propostas por José Marques de Melo. Abaixo estão explicitados os cinco gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional, além das definições dos 21 formatos textuais, conforme tabelas de Costa (2010):



Quadro 1 – Formatos do jornalismo informativo

Formato	Definição
Nota	Relato de acontecimento que está em processo de configuração. Nem todos os elementos da notícia (AÇÃO-AGENTE-TEMPO-LUGAR-MODO-MOTIVO) são conhecidos. Trata-se de um “furo”: antecipação de fatos que podem gerar notícia. Nutre-se dos boletins informativos difundidos pelas fontes. É mais frequente no rádio, na televisão e na internet.
Notícia	Relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. Contém necessariamente respostas às perguntas de Quintiliano (QUE+QUEM+QUANDO+COMO+ONDE+POR QUE), transformadas em fórmula jornalística (3Q+CO+PQ). Narrado em “pirâmide invertida”, compõe-se de duas partes: cabeça (lead) e “corpo” (body). Privilegia o “clímax” (sensação) evitando a “cronologia” (nariz de cera).
Reportagem	Relato ampliado de acontecimento que produziu impacto no organismo social (desdobramentos, antecedentes ou ingredientes noticiosos). Trata-se do aprofundamento dos fatos de maior interesse público que exigem descrições do repórter sobre o “modo”, o “lugar” e “tempo”, além da captação das “versões” dos agentes”. De autoria originalmente individual, esse formato converteu-se em trabalho de equipe.
Entrevista	Relato que privilegia a versão de um ou mais protagonistas dos acontecimentos. Não se confunde com a técnica de “apuração” dos fatos. Configura uma espécie de relato de alteridade, dando “voz” aos agentes da cena jornalística, assumindo empaticamente o papel de “intérprete” do receptor.

Quadro 2 – Formatos do jornalismo opinativo

Formato	Definição e características
Editorial	Expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de repercussão no momento. Porta-voz da instituição jornalística. Espaço de contradições, Opinião das forças que mantêm a instituição jornalística (proprietários, jornalistas, acionistas, anunciantes, leitores). Sinaliza à opinião pública, pretendendo nela influir. Predominante nos jornais, perde intensidade nas revistas, figurando episodicamente no rádio e na televisão e ressurgiu na Internet.
Comentário	Oriundo do jornalismo norte-americano, no qual é cultivado por jornalistas de grande credibilidade, mais conhecidos como “opinion makers”. Explica as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas conseqüências. Nem sempre emite uma opinião explícita. O julgamento dos fatos é percebido pelo raciocínio do comentarista, pelos rumos da sua argumentação. Sua característica inerente é a continuidade. Uma matéria



	que contém a apreciação de um fato articula-se necessariamente com as que a antecederam e com as que virão.
Artigo	Matéria jornalística através da qual os jornalistas e cidadãos desenvolvem ideias e apresentam opiniões. Contém julgamentos mais ou menos provisórios, porque é escrito enquanto os fatos ainda estão se configurando. Democratiza a opinião no jornalismo, possibilitando o seu acesso às lideranças emergentes na sociedade.
Resenha	Apresentação das obras de arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores e consumidores. Não tem a intenção de oferecer julgamento estético. Tem função eminentemente utilitária. Ao mesmo tempo em que sinaliza aos consumidores, dialoga com os produtores oferecendo pistas para os autores, diretores, atores. Formato que abrange toda mídia, da imprensa ao rádio e à televisão, expandindo-se também na Internet.
Coluna	Mosaico estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. Cumpre uma função que foi peculiar ao jornalismo impresso antes do rádio e da televisão: o furo. Tem como espaço privilegiado os bastidores da notícia, descobrindo fatos que estão por acontecer, pinçando opiniões que ainda não se expressaram, ou exercendo um trabalho sutil de orientação da opinião pública. Aparentemente tem caráter informativo, mas na prática é uma seção que emite juízos de valor, com sutileza ou de modo extensivo.
Crônica	Formato genuinamente brasileiro, corresponde a um relato poético do real. Gira permanentemente em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística. Conversa aparentemente fiada, em torno de questões secundárias, constitui um momento de pausa, que reflete a trégua necessária à vida social. Hegemônica na imprensa, encontra também espaço no rádio e começa a florescer na Internet.
Caricatura	Forma de ilustração que a imprensa absorve com sentido nitidamente opinativo. Sua origem semântica corresponde a ridicularizar, satirizar, criticar. Pode ser exercitada também sob a forma de texto humorístico. Os caricaturistas atuam como a consciência crítica da sociedade, revelando uma tendência nitidamente oposicionista. Predomina na imprensa, mas floresce também na televisão, expandindo-se na Internet.
Carta	Espaço facultado aos cidadãos para que expressem seus pontos de vista suas reivindicações, sua emoção. Pretende romper a barreira que existe entre leitor e editor, produtor e consumidor. Território democrático, aberto a todos os cidadãos interessados em participar de debate público, sendo vedado o anonimato.



Quadro 3 – Formatos do jornalismo interpretativo

Formato	Definição
Dossiê	Mosaico destinado a facilitar a compreensão dos fatos noticiosos. Condensação de dados sob a forma de “boxes”, ilustrados com gráficos, mapas ou tabelas. Trata-se de matéria destinada a complementar as narrativas principais de uma edição para celebrar efemérides.
Perfil	Relato biográfico, sintético, identificando os “agentes” noticiosos. Focaliza os protagonistas mais frequentes da cena jornalística, incluindo figuras que adquirem notoriedade ocasional.
Enquete	Relato das narrativas ou pontos de vista de cidadãos aleatoriamente escolhidos. Tanto pode ser restrita aos “olimpianos” quanto abrangente, incluindo os “cidadãos comuns”. Destina-se a acionar os mecanismos psicológicos de “projeção” ou “identificação”.
Cronologia	Reconstituição do acontecimento de acordo com variáveis temporais (secular, anual, semanal, horária). Destina-se a reconstituir o fluxo das ocorrências, permitindo sua melhor compreensão pelo receptor. Trata-se de ilustração que complementa a cobertura de fatos extraordinários ou cuja dinâmica tem como alavanca o fator “tempo”.

Quadro 4 – Formatos do jornalismo utilitário

Formato	Definição
Indicador	Dados fundamentais para a tomada de decisões cotidianas (cenários econômicos, meteorologia, necrologia, etc.).
Cotação	Dados sobre a variação dos mercados: monetários, industriais, agrícolas, terciários.
Roteiro	Dados indispensáveis ao consumo de bens simbólicos.
Serviço	Informações destinadas a proteger os interesses dos usuários dos serviços públicos, bem como dos consumidores de produtos industriais ou de serviços privados.



Quadro 5- Formatos do jornalismo diversional

Formato	Definição
História de interesse Humano	Narrativa que privilegia facetas particulares dos “agentes” noticiosos. Recorrendo a artifícios literários, emergem dimensões inusitadas de protagonistas anônimos ou traços que humanizam os “olimpianos”. Apesar da apropriação de recursos ficcionais, os relatos devem primar pela “verossimilhança” sob o risco de perder a “credibilidade”. Destina-se a preencher os espaços ociosos dos aficionados por relatos jornalísticos.
História colorida	Relatos de natureza pictórica, privilegiando tons e matizes na reconstituição dos cenários noticiosos. Trata-se de uma leitura impressionista, que penetra no âmago dos acontecimentos, identificando detalhes enriquecedores, capazes de iluminar a ação de agentes principais e secundários. Não obstante a presença do repórter no cenário ele se comporta como um “observador distante”, enxergando detalhes não perceptíveis a olho nu.

A amostra de análise será composta por 10 edições dos quatro jornais-laboratórios, que, conforme levantamento prévio junto aos coordenadores dos cursos de jornalismo, serão publicadas de janeiro a agosto de 2010, referentes às atividades do primeiro semestre letivo. Cada jornal será catalogado, edição por edição, tomando como unidade de medida a Unidade de Informação (UI) proposta por Violete Morin (1974). A estimativa é de que sejam analisadas cerca de 300 Unidades de Informação (UI), que serão catalogadas obedecendo à classificação de Marques de Melo (já exposta nesta metodologia) em um protocolo de Identificação de Matérias elaborado em planilha do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), programa que permite a quantificação de cada ocorrência textual por jornal. Cada UI será analisada obedecendo a registros de variáveis impostas pela pesquisadora relacionadas aos gêneros jornalísticos. Serão variáveis de forma (jornal, dia, mês e página) e variáveis de conteúdo (complemento de visual, gênero, formato, temática e observações gerais)

A escolha do gênero jornalístico

Para verificar em que momento do processo de produção da unidade de informação é definido o gênero jornalístico que é trabalhado pelo aluno e também o formato em que se enquadra este texto foram realizadas em maio de 2010, entrevistas com 17 pessoas. Ao todo cinco professores e 12 alunos das quatro instituições universitárias que fazem jornalismo laboratorial impresso em Campo Grande.



O roteiro de perguntas buscava respostas que descrevessem todo o processo pedagógico e do fazer jornalístico dos quatro veículos de comunicação investigados: Projétel (UFMS), Unifolha (Anhanguera –Uniderp), Em Foco (UCDB) e Folha Guaicuru (Estácio de Sá). Apesar das universidades serem distintas, a pesquisa constatou que os jornais apresentam métodos pedagógicos e de organização do processo de produção da informação semelhantes, o que neste aspecto significa a unidade no jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande.

Para escrever no jornal laboratório os estudantes de jornalismo da capital de Mato Grosso do Sul têm que estar matriculados ou terem cursado as disciplinas que trabalham o texto jornalístico, o que só acontece após o terceiro semestre dos cursos de jornalismo, ou segundo ano. Acadêmicos do primeiro ano, só participam da produção laboratorial impressa após o ingresso em cursos de extensão oferecidos esporadicamente pelos professores responsáveis pelo jornal-laboratório.

Todos os docentes entrevistados utilizam nas bibliografias das disciplinas que ensinam os gêneros jornalísticos a classificação proposta por José Marques de Melo. Os estudantes entrevistados confirmaram ter estudado os gêneros jornalísticos por meio da taxonomia definida por Marques de Melo.

Os textos jornalísticos produzidos pelos estudantes são uma avaliação das disciplinas ministradas pelos professores ligados ao jornal-laboratório. Professores e alunos têm claros os critérios em que as unidades de informação são avaliadas que vão da originalidade da pauta, passam pela clareza, objetividade, coesão do texto e chegam em aspectos da apuração, como a consulta a mais de uma fonte de informação. Sobre estes critérios Bueno (2010)⁶, professora das disciplinas de Jornalismo Impresso I e II da Faculdade Estácio de Sá em Campo Grande explica:

Eles têm que ter um gancho jornalístico, pelo menos duas fontes, coesão do texto adequação às normas jornalísticas, discurso direto ou indireto, adequação à proposta da pauta, uma foto legal e se não têm muitos erros de português. É uma capacidade de ter um texto pronto para publicar. (BUENO, 2010)

As reuniões de pauta acontecem no horário das aulas ministradas pelos professores responsáveis pelo jornal laboratório. Os estudantes chegam em sala com suas ideias e discutem com colegas e professores a viabilidade e importância das mesmas. É neste momento que os docentes exercitam os critérios de noticiabilidade já apresentados de

⁶ BUENO, Thaisa Cristina. Campo Grande, Brasil, 28 mai. 2010. Arquivo digital (8'30"). Entrevista concedida a Cristina Ramos da Silva Ribeiro.



forma teórica. Em conjunto, docentes e discentes definem o tema que cada aluno irá desenvolver. São as raras às vezes em que o estudante redige a pauta. Em geral os acadêmicos saem das reuniões apenas com o tema e possíveis ângulos a serem abordados.

A pesquisa mostrou que é na reunião de pauta o momento em que se define o gênero jornalístico e o formato do mesmo no jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande. Esta definição ocorre com base nos critérios gráficos dos jornais que apresentam páginas específicas para os gêneros opinativos e informativos. São exemplos as páginas de opinião, entrevistas e resenhas. “Todo mundo já sai da reunião de pauta com o gênero definido. Por que a gente já sabe o tipo de jornal, o tipo de matéria, o formato do Folha Guaicuru”, explica Oriqui (2010)⁷, acadêmica do sexto semestre de jornalismo da Faculdade Estácio de Sá.

A periodicidade do jornal também influencia nesta demarcação. Por serem mensais, ou bimensais os jornais pouco optam pelo formato notícia, que em si engloba uma factualidade. Conforme Ramires (2010)⁸, professor da disciplina de Redação Jornalística do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a periodicidade bimensal define o perfil textual do jornal-laboratório. “O que tem acontecido no projétil é que tem predominado o gênero reportagem. A gente até procura exercitar notícia em outras disciplinas, em outros momentos. Por que é um jornal que custa elaborar, às vezes demora um mês”, afirma o professor. A maioria dos acadêmicos afirmou que em nenhum outro momento do processo de produção do texto houve mudança do gênero e formato definido na reunião de pauta.

O prazo para apuração e redação do texto se estende entre duas semanas e um mês. A captação dos dados acontece em horário diferente das aulas. Apenas na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), única que oferece o curso em período matutino, os estudantes têm o chamado “Dia de Campo”. Nestas datas explicitadas no plano de ensino do curso, ao invés de irem até a universidade participar das aulas em sala, os acadêmicos realizam as entrevistas para o jornal-laboratório em diferentes pontos da cidade.

Quando têm questionamentos práticos e éticos do fazer jornalístico durante o processo de apuração os alunos recebem apoio pedagógico dos professores por meio de contato

⁷ ORIQUI, Valquíria Rodrigues. Campo Grande, Brasil, 28 mai, 2010. Arquivo digital (10 min). Entrevista concedida a Cristina Ramos da Silva Ribeiro.

⁸ RAMIRES, Mario Marques. Campo Grande, Brasil, 25 mai, 2010. Arquivo digital (29 min). Entrevista concedida a Cristina Ramos da Silva Ribeiro.



telefônico. Já a redação dos textos é realizada pela maioria dos estudantes em casa, mesmo com as universidades disponibilizando nos laboratórios de redação terminais de computador, acesso a internet e linhas telefônicas.

Na edição do texto os alunos são atendidos separadamente pelos professores editores. Os entrevistados afirmam que raras são as vezes em que acontece ênfase pedagógica nos gêneros jornalísticos durante a edição das unidades de informação, pois definidos na reunião de da pauta, os formatos se apresentam de forma ajustada ao que já foi explicitado pelos docentes nas aulas teóricas. Moreira (2010)⁹, professor da disciplina de Redação Jornalística, no curso de jornalismo da UCDB explica a etapa da edição:

Durante a edição a gente tenta fazer todas as observações pertinentes. Desde observações gramaticais até de gêneros jornalísticos ou de que tipo de conseqüências que este texto pode trazer. Se ele está fugindo ao tema, se ele está dando muita opinião. Se ele está sendo evasivo, se ele está sendo muito drástico. Enfim, todas as observações possíveis são feitas dentro da edição. (MOREIRA, 2010)

Estudantes e professores afirmam que o formato de texto mais redigido e editado no jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande é a reportagem, que faz parte do gênero jornalístico informativo, segundo a classificação de José Marques de Melo. No entanto, foi possível perceber que os estudantes não têm clareza sobre os diferentes gêneros jornalísticos apresentados na taxonomia do autor.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

_____. **Jornalismo interpretativo**. Porto alegre: Sulina, 1976.

_____. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In. GAYDECZKA, Beatriz; KARWOSKI, Acir Mário; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 57-71.

_____. **Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? *Linguagem em (Dis)curso***, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul/ dez. 2003^a.

⁹ MOREIRA, Robson Del Casale. Campo Grande, Brasil, 21 mai de 2010. Arquivo digital (16 min). Entrevista concedida a Cristina Ramos da Silva Ribeiro.



_____. **Veículo de comunicação e gênero textual:** noções conflitantes. D.e.l.t.a. 19, vol 1, 2003b. p. 65-89.

_____. **Projeto gêneros do jornal** (as relações entre gênero textual e suporte). Florianópolis, 202^a. Disponível em: [HTTP://geocities.yahoo.com.br/adbonini/projet.htm](http://geocities.yahoo.com.br/adbonini/projet.htm). Acesso em 09 de set. 2009.

_____. **Gêneros textuais e cognição:** estudo sobre a organização da identidade dos textos. Florianópolis: Insular, 2002b.

BUENO, Thaisa Cristina. Campo Grande, Brasil, 28 mai. 2010. Arquivo digital (8'30"). Entrevista concedida a Cristina Ramos da Silva Ribeiro.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar:** percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém: Jortejo, 1998.

COSTA, Lailton Alves. Gêneros Jornalísticos. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS Francisco (orgs). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p.43-83.

_____. **Jornalismo brasileiro:** a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil. Disponível em: <<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/10/GT4-17- Jornalismo brasileiro- Lailton.pdf>>. Acesso 10 de set. de 2009.

CUNHA, Isabel Ferin. O SPSS e os estudos sobre os media e o jornalismo. In: LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Cláudia Lago, Marcia Benetti (orgs.) – 2^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. – (Coleção Fazer Jornalismo). p. 168-196.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade; BORGES, Stella Maris (colaboradoras). – 8. ed. rev. – Belo Horizonte : ED. UFMG, 2009.

HERSCOVITZ, Heloiza G. Análise de Conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Cláudia Lago, Marcia Benetti (orgs.) – 2^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. – (Coleção Fazer Jornalismo). p.123-142.

LOPES, D. F. **Jornal Laboratório:** do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. 1. Ed. São Paulo: Summus, 1989.

MACHADO, Irene. Por que se ocupar dos gêneros? **Revista Symposium:** publicação da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, ano 5, n. 1, p. 5-13, jan./ jun. 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In. DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. P. 19-36.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In GAYDECZKA, Beatriz; KARWOSKI, Acir Mário; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p.23-36

MARQUES DE MELO, José. Gêneros Jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS Francisco (Orgs). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.p. 23-41.



_____. **Jornalismo opinativo:** gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. Ed. Ver. e ampl.- Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. p.238.

_____. **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo.** São Paulo: FTD, 1992.

MOREIRA, Robson Del Casale. Campo Grande, Brasil, 21 mai de 2010. Arquivo digital (16 min). Entrevista concedida a Cristina Ramos da Silva Ribeiro.

MORIN, Viollete. **Tratamiento Periodístico de La Información.** Barcelona: Fringraf, 1974.

ORIQUEI, Valquíria Rodrigues. Campo Grande, Brasil, 28 mai, 2010. Arquivo digital (10 min). Entrevista concedida a Cristina Ramos da Silva Ribeiro.

RAMIRES, Mario Marques. Campo Grande, Brasil, 25 mai, 2010. Arquivo digital (29 min). Entrevista concedida a Cristina Ramos da Silva Ribeiro.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos:** proposta de novos critérios de classificação. Série : Estudos em comunicação. Covilhão: Livros LabCom, 2009 . Disponível em:<<http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/seixas-classificacao-2009.html>>. Acesso em: 10 Jun. 2010. ISBN: 978-989-654-028-9. 450 p.

VIEIRA, Antônio Júnior. **Uma pedagogia para o Jornal-Laboratório.** Orientador: Dirceu Fernandes Lopes. 2002.f. 259. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em:<<http://www.scribd.com/doc/17272445/VIEIRA-Jr-Uma-pedagogia-para-o-jornallaboratorio>>. Acesso em: 9 de Jun. 2010.

Corpus:

EM FOCO – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, Março. 2010. Edição N. 129, ANO IX.

EM FOCO – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, Março. 2010. Edição N. 130, ANO IX.

EM FOCO – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, Maio. 2010. Edição N. 131, ANO IX.

EM FOCO – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, Junho. 2010. Edição N. 132, ANO IX.

PROJÉTIL – Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, Julho. 2010. Edição N. 66 ANO 20.

UNIFOLHA – Jornal-laboratório do curso de jornalismo da Anhanguera/Uniderp. Campo Grande, Março de 2010. Edição N. 83, ANO XII.

UNIFOLHA – Jornal-laboratório do curso de jornalismo da Anhanguera/Uniderp. Campo Grande, Março de 2010. Edição N. 84, ANO XII.